

# Ocupar o espaço urbano e as possibilidades de reinventá-lo (diálogo informal)

Adriana Nascimento

Univ. Federal de São João Del-Rei

Carla Paoliello

d'ABANCA

dobra

Carla | ABANCA: Sempre entendemos os passeios como um espaço fundamental na cidade. A pequena faixa destinada aos pedestres é o espaço público primeiro. É onde se caminha devagar, de preferência à sombra das árvores. É onde ficam os diversos mobiliários urbanos, os bancos de descanso, os postes de iluminação, as placas de sinalização. Em diversas cidades, os quiosques que vendem jornais têm também permissão para a ocupação desta área tão privilegiada. ABANCA, em Lisboa, é um destes locais mas que quer ser referência para quem procura publicações significativas e que revelam uma maneira particular de pensar e de viver. Mais do que promover a venda de revistas e livros especializados, este quiosque propõe ser um espaço difusor de cultura, de proposição de workshops, de exposições e de conversas, um espaço que quer instigar o amplo diálogo a partir do impresso e do múltiplo. Trata-se de uma banca aberta e gentil para com o espaço público, um lugar de informação, de troca e de encontros. Trata-se de uma tentativa de reinventar este lugar, não acha?

AdrianaN: Sim, o caminho, a rua têm papel fundamental dentro do que estrutura a vida no mundo... Seja urbano ou rural, é o lugar do encontro primordial, com jargão cientificista: de correlação, de copresença, de interações diversas, quotidianas. Falar do ambiente da rua, de como ele pode ser sombreado, onde se caminha com calma, tem a ver, acredito eu, com o que se deseja como rua, pois sabemos que nem sempre é assim, há ruas (no plural) com essa ambiência e com outras. Com relação à rua como elemento, no qual os equipamentos públicos e urbanos têm importante papel, penso em sua relação com o privado, como no caso da ABANCA, na conceção que se tem da gestão pública para se utilizar esse espaço com diferentes fins, não apenas de lucro ou de recursos financeiros para prefeitura, mas também como serviço público.

Conte um pouco das etapas desse processo e como vem sendo essa experiência em Lisboa/ Portugal?

Carla | ABANCA: É verdade, rua(s) é uma palavra plural e assim deve ser entendida. A diversidade que ela traz é muito rica. É realmente o local de acolhimento da pluralidade. E não se trata apenas de falarmos no âmbito material,

mas também dos usos e costumes. Em Lisboa, os espaços públicos são amplamente usados. As pessoas se apoderam das ruas, praças, jardins, miradouros, parques, ... são locais de encontro, extensão direta do privado. Conhecemos portugueses que fazem festas de aniversários em espaços abertos, conhecemos outros que ficam muito bravos quando alguém joga um papel no chão. É uma afronta, já que muitos cuidam destes como se fossem sua própria residência. E são, não são?

O processo de abertura d'ABANCA foi muito divertido. Depois da emoção ao saber que estavam abertas as inscrições para sorteio de atribuição do direito de exploração de bancas, fomos: 1. entender o edital, 2. verificar os documentos solicitados e organizar a entrega, 3. sair pela cidade para ver os pontos de localização dos quiosques disponíveis. Queríamos sentir a cidade. Nos interessava estar em um lugar no qual uma troca significativa fosse possível. Dos 17 disponíveis, encontramos 3 lugares nos quais a nossa proposta seria viável. É que, para haver troca, tem que haver interesse. Os transeuntes tinham que ter a velocidade do olhar, do bom dia. Era também importante estar perto de uma estação de metro para dar acesso aos que não moram nas redondezas. Era mais um jeito de facilitar o encontro. Conseguimos, por sorte (já que é um sorteio!), uma das nossas favoritas.

Estar n'ABANCA diariamente é uma aventura. Nunca sabemos o que irá acontecer. Para além dos dias de sol, de vento e de chuva, temos dias de muito movimento e outros com menos interação. Cada dia que passa, temos conhecido mais os daqui e os que vêm para aqui. Temos escrito sobre estes pequenos encontros em microcontos. Foi a maneira que encontramos para apresentar esses personagens diários. Vivemos a prática de ser um ponto de informação e não apenas um ponto de venda, de ser parte do tecido social e cultural e não apenas do económico. Existem os leitores de capas de jornais, os que pedem informações sobre o bairro ou sobre as alterações climáticas. Existem os que se dispõem a apresentar outras publicações, os que elogiam e os que nem olham para o quiosque. Claro que existem também os que compram. Estar n'ABANCA é viver a diversidade na pele, sem vitrine, com seu odor particular, lindamente sem filtro.

AdrianaN: Vejo essa empreitada não apenas como negócio, mas como busca de um *modo de vida*, pois você diz também da gentileza com o *espaçosocial*. Queria ouvir mais de você sobre isso...

Carla | ABANCA: Você disse bem, é um modo de vida. É a crença no poder e na riqueza da diferença social e de conhecimento. É também o constante exercício da tolerância, do respeito ao outro e ao lugar do outro. A banca ocupa um espaço que seria do pedestre, entendemos ser nosso dever fazer o mínimo de impacto possível e, mesmo assim, ocupamos seis metros quadrados. Trata-se da arte de lembrar sempre que este espaço é público, sem barreiras, sem preconceitos. Foi com esta linha de pensamento que decidimos abrir as portas do quiosque e possibilitar a

entrada de qualquer pessoa, interrompendo a já pequena diferença entre exterior e interior. Temos inclusive uma cadeira sempre pronta para uma boa conversa, para a *troca social*.

Outro ponto importante foi entender que a cultura material está presente no formato de jornal, de revista e de livros. Assim, para além das publicações diárias e semanais tradicionais que existem em todas as bancas portuguesas, fizemos a curadoria e colocamos em evidência outras que apresentam outros modos de pensar e de viver. Existem também outras ações que nos permitem divulgar e trocar informação, como os encontros que realizamos, conversas a partir do papel, os workshops e o pequeno espaço destinado às exposições. Todas estas atividades são pensadas de maneira a possibilitar a troca, o encontro, e a geração de conhecimento. Como disse Jan Gehl, em seu livro *A vida entre cidades*, a presença de outras pessoas (atividades, eventos) está entre as qualidades mais importantes dos espaços públicos. Esperamos conseguir contribuir, inspirar e estimular este *espaçosocial*.

Sei que este é um ponto importante na sua investigação. Você poderia falar mais sobre este conceito?

AdrianaN: Esse é um conceito importante na minha pesquisa, pois trata da relação entre sociedade e espaço, no meu entendimento de um ponto de vista relacional, no qual a interação da sociedade com o espaço é construída, desconstruída pelos modos como nos co-relacionamos entre pessoas e com o espaço, com o lugar, seja por co-presença, por interações entre as pessoas e o lugar, dinamicamente. Há dois entendimentos da relação espaço e sociedade que, para mim, ficaram mais claros com o estudo da sintaxe espacial desenvolvida na década de 1984 por Bill Hillier e Julienne Hanson, que apresentam um ponto relevante que é o de afirmar que o espaço tem propriedades sociais e que, por essa razão, tem também capacidade de integrar ou segregar. Digo ficaram mais claros pois foi com eles que compreendi que nessa relação há distintas abordagens e entendimentos da relação que, dependendo do ângulo de que se olha para ela, há destaque e entendimento diferenciado sobre coisas que parecem as mesmas: o espaço e seu aspecto social e a sociedade e seu aspecto espacial. Essa relação já havia sido mencionada em fins do século XIX e início do XX por outros autores, mas é na década de 1970 que esta relação foi retomada com novo vigor por conta de fatores relacionados à urbanização, ao crescimento populacional e às transformações nas relações capitalistas e produtivas. A revista Espaço e Sociedade que Lefebvre e o Anatole Kopp fundaram nessa década de 1970, em França, mostra outros ângulos da relação: os político-econômico-culturais da questão.

Vejo nesse projeto dABANCA a potência da interface entre espaço privado e público que, de certo modo, ocupa o mesmo lugar. Aproveito para perguntar se teve outra experiência antes, no Brasil. Como foi, quais as semelhanças e diferenças com essa de agora?

Carla | ABANCA: Durante os anos de 2008 a 2011, tivemos a Banca de Design, em Ipatinga, Minas Gerais, Brasil. A proposta era bem parecida, ser um local de encontro, estimular a troca, potencializar a cultura local e apresentar outras. A diferença é que em Portugal estamos no espaço público, lá alugamos uma área privada sem edificação. Aqui, temos licença de uso do quiosque, lá tivemos que comprar um *container* e transformá-lo em uma banca. É claro que tínhamos mais autonomia nas atividades e fizemos muito: projeções de filmes, lançamento de livros, sarau de poesia, muitas exposições e eventos. Aqui ainda estamos a entender as regras para uso do espaço ao redor d'ABANCA. Já fizemos uma parceria com o café Nova Lisboa, nosso vizinho, e conseguimos viabilizar um local que acolhe os nossos convidados e interessados nos eventos. Uma importante diferença é a de estar no espaço público em segurança. Não temos medo dos outros, independentemente de sua condição económica, cultural ou social. Isso possibilita uma abertura maior, para e com qualquer um. Essa pluralidade vivida no cotidiano e com segurança é maravilhosa, não acha?

AdrianaN: Entendo que a questão da segurança faz toda a diferença. Em Portugal, também pela minha experiência, isso é realidade cotidiana, onde quer que estejamos. No Brasil, isso ainda permanece utopia, pois para mim a segurança está diretamente relacionada com a qualidade de vida em termos educacionais, sociais e culturais de modo integrado. Como você vê a diferença dessas duas realidades com a experiência que você vivenciou no Brasil e a que vem criando agora em Lisboa, em relação à segurança e também em termos políticos e administrativos do papel da gestão pública?

Carla | ABANCA: Infelizmente, existe uma diferença enorme entre a realidade vivida em Portugal e a brasileira. Tentaremos explicar primeiro a partir da relação com as pessoas neste estar na cidade. Vale começar por dizer que não existe o medo de estar no espaço urbano. Não temos o receio do roubo, do desrespeito, da ameaça. Não temos medo, como colocamos na resposta anterior. Nos sentimos seguros e esta é a mesma sensação que temos ao andar pelas ruas de Lisboa. No Brasil, infelizmente, não tínhamos este hábito. Não só porque morávamos em uma cidade que foi implementada ao redor de uma grande empresa siderúrgica, o que resultou na dependência de carros para deslocamentos urbanos devido a grandes distâncias percorridas. Mas prioritariamente pela insegurança que tínhamos ao caminhar pelas suas ruas e sermos/ou não assaltados. Essa situação de tranquilidade gera um outro estar na cidade. Ela faz com que a gente se apresente para todos os transeuntes que pela rua estão. Conversamos com mendigos, ciganos, vendedores ambulantes, comerciantes, reformados, médicos, arquitetos, artistas, empresários, ..., ou seja, com qualquer ser que se aproxime d'ABANCA. Mesmo porque, quando eles chegam para conversar ou mesmo para comprar algo, nós não sabemos quem são, o que fazem, quanto ganham, se estudaram, ou suas preferências culturais. Nos relacionamos com crianças, jovens, adultos, idosos, com ou sem limitações físicas. Vivemos estes encontros sem medo e abertos para

a diferença. Vivemos a diversidade sócio-econômica-cultural com muito mais intensidade do que quando vivíamos no Brasil.

Quanto da diferença em termos políticos e administrativos, podemos afirmar que todo o processo de sorteio da banca foi muito transparente. Pelo edital sabíamos quais eram as regras. Pelo site sabemos quais são as normas, expectativas, facilidades e dificuldades do uso do espaço público. Ter esta informação disponível é maravilhoso, e este é um dos papéis de uma boa gestão pública. Podem não ser as melhores regras, mas elas estão claras, disponíveis e podem inclusive serem repensadas, como em qualquer boa democracia.

AdrianaN: Outra questão que gostaria que comentasse é sobre como você vê o impacto das novas tecnologias em relação com esse tipo de proposta? Pergunto isso porque vejo que num primeiro momento a tecnologia vem roubando espaço, em vários sentidos...

Carla | ABANCA: Temos pensado muito sobre isso. Para sermos sinceros, temos o hábito de ler jornais sempre no telemóvel, imagine então nossa dificuldade em vendê-los. Já existem muitos textos sobre o impacto da internet no sector de impressão de revistas. Temos publicações que têm todo o seu conteúdo *on line* e, mesmo assim, apostam em se apresentar também em papel. Por outro lado, é uma grande ferramenta de encontro. Marcamos vários encontros virtuais com os amigos distantes pelo telemóvel e entendemos que, mesmo a um oceano de distância, conseguimos estar perto. Com a tecnologia de hoje, conseguimos informar a localização de uma rua próxima, por nós desconhecida. A internet nos mostra o melhor caminho (seja este o mais rápido ou o que passa pelo parque). As novas tecnologias podem afastar ou aproximar, depende de como elas são usadas. Nós as usamos como ferramenta de troca e de geração de conhecimento.

AdrianaN: Você toca numa questão que para mim tem sido crucial, que é a dos usos que fazemos das coisas. Entendo isso como construção de conhecimento. É essa a proposta da ABANCA, como você havia mencionado antes, ao tratar de *troca social*? Porque me parece que isso está claro para você. E para os usuários e frequentadores de ABANCA? Como você percebe isso da parte deles?

Carla | ABANCA: Iremos contar dois fatos que de certa maneira respondem à sua pergunta. Uma certa manhã n'ABANCA, dois senhores se aproximaram para ver a obra que está exposta. São desenhos de personagens em catálogos telefônicos. Percebemos o ar de curiosidade. O melhor foi ouvir a explicação de um para o outro, que finalizava dizendo que aquele quiosque não era apenas uma banca como as outras de Lisboa. Era um lugar que apresentava algo a mais. Em um outro dia, estávamos a conversar com duas amigas, enquanto trocávamos figurinhas com três adolescentes e atendíamos uma senhora que queria comprar o jornal diário. O interessante foi que um cliente diário passou e disse que precisávamos de uma bola de cristal. ABANCA estava tão animada quanto uma

barraca de uma boa cartomante. Achamos hilário o que foi colocado por ele. E é assim, existem os que passam e nem percebem ABANCA, existem os que nos olham e cumprimentam. Existem os que param para conversar, ou param apenas para buscar alguma informação sobre o bairro, ou os que compram as revistas semanais. Existem os que encomendam livros, os que indicam revistas, e os que já se tornaram amigos. Temos escrito sobre esta vivência diária. É um relato desta realidade aparentemente igual que é cotidianamente diferente. Nos lembra o filme *Cortina de Fumaça (Smoke)* no qual Auggie Wren (interpretado por Harvey Keitel), dono de uma tabacaria, fotografa a esquina da sua loja diariamente por mais de dez anos. As fotos iguais são todas diferentes. N'ABANCA alguns percebem e gostam da troca social, humana, cultural, técnica, espacial; outros não. Faz parte da pluralidade da rua.

AdrianaN: Adoro esse filme que você mencionou. Você está em seu segundo doutoramento, agora relacionado ao design, mesmo já tendo também experiência de pós-doutorado. Como você relaciona essa sua prática n'ABANCA e a experiência do Brasil com esse novo projeto? Dá para dizer que elas sejam em design social?

Carla | ABANCA: Eu estou a um ano de finalizar a investigação "Desenvolvimento de parâmetros de análise do design enquanto ferramenta de impacto social", na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Neste segundo doutoramento, estou interessada em qualificar os resultados de ações intituladas como design colaborativo, em especial quando os designers estabelecem parcerias com comunidades artesãs. Em resumo, trata-se de um estudo sobre a relação entre dois seres humanos, me interessam os projetos que são feitos em várias mãos. Sob este prisma, sim, posso afirmar que existem semelhanças e, é claro que existiriam, não consigo separar o joio do trigo, ou melhor, a pesquisadora da ardina.

Então vamos às semelhanças: em primeiro lugar, este é um projeto colaborativo. São várias pessoas que estão comigo. O primeiro e mais importante é o Cássio, meu marido. É com ele que eu primeiro discuto o projeto, os sonhos e as angústias. Meus filhos também apoiam ABANCA. O mais novo fez um pedido específico: ter cromos (figurinhas da copa de futebol) n'ABANCA e transformá-la em "atroca" aos fins de semana. Te falo que deu um movimento enorme por aqui! A mais velha pediu revistinhas de gibi brasileiras. Ainda estou a espera de atender a este pedido nostálgico (ela tem esta memória material do Brasil). Para além destas pessoas mais íntimas, ABANCA tem um padrinho, o crítico de design Frederico Duarte. Ele foi o curador da exposição "Como se pronuncia design em português: Brasil hoje" do MUDE, na qual propôs uma livraria/ ponto de venda de publicações lusas e brasileiras, com enfoque em design. Neste momento, e também em função da falta que sentia de publicações brasileiras no doutoramento, vi que existia uma lacuna no mercado. Não só na área de design, mas também na

de arquitetura e arte. Contar com o apoio do Fred tem sido incrível. Ele me apresenta pessoas e publicações daqui que eu não conhecia e sempre introduz boas conversas. Para além destes, existem todos os amigos, conhecidos, transeuntes que fazem ABANCA ser este ponto de encontro que se transforma quotidianamente.

Em segundo lugar, posso me colocar como uma designer cujo produto (curadoria, apresentação e comercialização de publicações/ informações) é desenvolvido junto com os artesãos (transeuntes diários e outros que me influenciam). Sofro o impacto deste coletivo. Sofro impacto do meio no qual estou inserida (Alvalade, Lisboa, Portugal), do clima (dias de sol e dias de chuva), de sua cultura (da portuguesa, da brasileira e da global, já que tenho clientes esporádicos – turistas de todo o mundo). Sofro o impacto social, do modo de vida existente, dos usos e costumes. Já percebi os dias em que vendo mais jornais, o horário da compra de revistas específicas e o interesse nas revistas especializadas. E por fim, sofro o impacto econômico, do valor das publicações, do quanto cada português ganha e como este parâmetro influencia o seu poder de compra. Posso então denominar esta experiência como design social (e também cultural, ambiental, e econômico) em todo o seu esplendor. Por isso escrevo sempre no plural, não sou eu apenas, ABANCA é resultado de um enorme “nós” que tenta reinventar o espaço urbano.